

O desejo do coração – o arrependimento do coração

De fato, eles despertaram em mim um extremo, forte e saudável desejo por todas, mas esquecidas, alegrias terrenas – mesmo por comida e bebida ruins ou desprazerosas –, então fui e pedi uma suntuosa refeição no Tête Noire – um novíssimo Tête Noire, infelizmente (!) totalmente branco, todo em pedra e reboco, e sem uma história!

Era um belo pôr do sol. Esperando pelo meu jantar, olhei para fora, através da janela do primeiro andar, por um longo tempo e com toda minha atenção, totalmente absorvido nisso e encontrei um bálsamo para meu espírito decepcionado e arrependido em toda aquela qualidade de sentimento democrático de muita felicidade da vida dominical francesa. Nos velhos tempos havia visto isso por várias vezes; agora, pelo menos, isso era como voltar para o meu lar para algo que eu tinha conhecido e amado.

Os cafés na pequena “Praça”, entre a ponte e o parque, estavam superlotados. As pessoas estavam sentadas conversando sobre seus *hábitos de consumo*, quase no meio da praça, tão densamente apertadas que mal havia espaço para os garçons ocupados, animados e de avental branco se moverem entre elas. O ar estava dominado por um aroma de cheiro de grama pisada, de *macaroons*¹ e de tabaco francês, vindos do parque; da alegre gargalhada francesa e da música dos *mirlitons*²; de uma luz cheia de névoa, ilustrada no Sol poente pelas cores avermelhada e dourada. O rio, cheio de barcos e canoas, reiterado pela glória do céu, e as bem-

¹ N.T.: é um pequeno biscoito, normalmente feito de amêndoas moídas, coco e/ou outras nozes ou até mesmo de batata, com açúcar e, às vezes, flavorizantes (ex. mel, baunilha, especiarias), corante alimentar, cerejas cristalizadas, geleia e/ou cobertura de chocolate.

² N.T.: flauta de eunuco, flauta de cebola ou mirliton é um instrumento musical da família de sopros usado nos séculos XVI e XVII. Produz música semelhante a um pente e papel e ainda é fabricado como um brinquedo.

relembradas colinas densamente arborizadas se erguiam diante de mim, culminando na Lanterna de Diogène³.

Eu poderia ter me enfiado por todo aquele labirinto de árvores com os olhos vendados.

Dois tocadores de um rústico oboé italiano, o piffero, chegaram à “Praça” e começaram a tocar uma melodia extraordinária e tão emocionante que quase me jogou para fora da janela; parecia não ter uma forma específica, sem começo, meio ou fim; o som subia cada vez mais alto, como a canção de uma cotovia, sem uma pausa para respirar, até o momento de um limite enlouquecedor – uma tarantela, talvez – sempre sob tensão e estresse, sempre se aproximando, cada vez mais, de um ápice estridente de êxtase e bem no topo e além, fora do alcance da música terrena; enquanto o zangão persistente continuava zumbindo na terra e com a impossibilidade de escapar. Tudo tão alegre, tão triste, não há nome para isso!

Dois pequenos anões, irmão e irmã, pedintes e deformados, com muito poucos dentes na boca e sem lábio superior começaram a dançar; e a multidão ria e aplaudia. As notas rápidas e penetrantes do piffero subiam mais e mais e chegavam cada vez mais perto do impossível. O céu parecia quase ao alcance – o nirvana da música após sua rápida loucura – a região dos extremos agudos que está além do alcance dos ouvidos humanos comuns!

Uma carruagem para quatro pessoas, com postilhões⁴ e “guias”, desceram majestosamente pela estrada do palácio e dispersaram a multidão enquanto se dirigia a caminho da ponte. Nela havia duas senhoras e dois senhores.

³ N.T.: um monumento que existiu em Paris, agora resumido em suas ruínas.

⁴ N.T.: condutor de uma carruagem que distribuía correspondências. Normalmente montava num dos cavalos que ia na frente da parelha.

Uma das senhoras era a jovem Imperatriz dos Franceses; a outra olhou para a minha janela – por um momento, como em um suave relâmpago de verão, seu rosto parecia em chamas como um afável testemunho – com um doce olhar de bondade, interesse e surpresa - um olhar que me transpassou como um raio repentino de luz do céu.

Era a Duquesa das Torres!

Um relance que me pegou como um
repentino facho de luz do céu



Iluminação de Verão

Eu senti como se as gaitas de foles estivessem levando a isso! Mais um instante, a carruagem estava fora de visão, o sol já havia se recolhido, os tocadores de piffero haviam deixado de tocar e passavam o chapéu, e tudo acabara.

Jantei e retornei a pé para Paris pelo Bois de Boulogne e perto do Mare d'Auteuil eu vi meu velho amigo, o rato d'água nadando nele, seguindo atrás dele o brilho de seu rastro como uma prata cauda de cometa.



O velho rato d'água

“Vamos lá, nosso pessoal!

Vamos todos para casa!”

Então, cantaram em uma festa de casamento, enquanto andavam alegremente de braços dados pela longa rua principal de Passy, com uma confiança que encheria o coração de inveja, a não ser pela triste experiência da vaidade dos desejos humanos.

Cada um conosco! Como soa encantador!

Cada um tinha tanta certeza de que, quando chegasse em casa, encontraria o desejo de seu coração? O próprio noivo tinha tanta certeza?

O desejo do coração – o arrependimento do coração! Fiquei honrado por eu ter tocado muito bem no mais profundo de ambos naquele domingo movimentado!